

CAPÍTULO 1

Ky

*E*stou de pé dentro de um rio. Ele é azul. Azul-escuro. Refletindo a cor do céu noturno.

Eu não me movo. O rio, sim. A água empurra meu corpo e passa sibilando entre o capim na beira do rio.

— Saíam daí — diz o Oficial. De sua posição na margem ele aponta a lanterna para nós.

— Você disse pra colocar o corpo na água — respondo, preferindo fingir que não entendi a ordem do Oficial.

— Eu não disse que você precisava entrar na água — o Oficial retruca. — Deixem o corpo aí e saiam. E tragam o casaco dele. Ele não vai precisar disso agora.

Eu olho de relance para Vick, que está me ajudando a carregar o corpo. Vick não entra na água. Ele não é daqui, mas todo mundo no campo de trabalho conhece os boatos sobre os rios envenenados nas Províncias Exteriores.

— Tá tudo bem — digo baixinho para Vick. — Os Oficiais e Funcionários querem que a gente sinta medo deste rio, de todos os rios, porque assim a gente nunca vai tentar beber a água deles e muito menos tentar atravessá-los.

— Você não quer uma amostra de tecido? — pergunto com um berro para o Oficial parado na margem do rio, enquanto Vick hesita. A água gelada bate nos meus joelhos e a cabeça do menino morto pende para trás, os olhos abertos encarando o céu. Os mortos não veem, mas eu vejo.

Vejo coisas demais. Sempre vi. Na minha mente palavras e imagens se conectam de maneiras estranhas, e onde quer que esteja eu reparo em detalhes. Como agora. Vick não é nenhum covarde, mas o medo cobre seu rosto. Nos braços moles do menino morto as mangas do casaco estão esfiapadas, e alguns

fios roçam a água. Seus tornozelos magros e pés descalços brilham pálidos nas mãos de Vick à medida que ele se aproxima da margem. O Oficial já nos tinha feito tirar as botas do corpo. Agora ele as balança pelos cadarços, um pêndulo negro marcando o tempo. Com a outra mão ele aponta o facho arredondado da lanterna bem nos meus olhos.

Eu jogo o casaco para o Oficial. Ele é obrigado a soltar as botas para pegá-lo.

— Pode deixar — aviso a Vick. — Não está pesado. Eu dou conta sozinho.

Mas Vick entra na água também. Agora as pernas do menino morto estão molhadas e suas roupas comuns pretas estão encharcadas.

— O Banquete Final não foi grande coisa — Vick comenta em voz alta para o Oficial. Há ódio em sua voz. — Foi *ele* quem escolheu o jantar? Se foi, ele merece mesmo estar morto.

Já faz tanto tempo desde a última vez em que me permiti sentir raiva que simplesmente não consigo mais. Ela reveste a minha boca e eu a engulo, o gosto é cortante e metálico, como se eu estivesse mastigando uma chapa de alumínio. Esse menino morreu por causa de um erro de julgamento dos Oficiais. Eles não lhe deram água suficiente, e agora ele está morto antes do que devia.

Precisamos esconder o corpo porque ninguém deveria morrer nesse campo de trabalho. Deveríamos esperar que nos mandassem para os vilarejos, para que lá o Inimigo tomasse conta de nós. Mas nem sempre as coisas acontecem dessa forma.

A Sociedade quer que a gente tenha medo de morrer. Mas eu não tenho medo. Meu único medo é morrer da maneira errada.

— É assim que termina a vida das Aberrações — diz o Oficial, em tom impaciente. Ele dá um passo na nossa direção. — Vocês sabem disso. Nada de última refeição. Nem de últimas palavras. Soltem-no e saiam.

É assim que termina a vida das Aberrações. Olho para baixo e vejo que a água ficou tão negra quanto o céu. Mas não solto o corpo de imediato.

Cidadãos terminam com banquetes. Últimas palavras. Armazenamento de amostras de tecido, para que eles tenham a chance da imortalidade.

Nada posso fazer sobre a comida ou a amostra de tecido, mas tenho palavras. Elas estão sempre passando na minha mente, junto com as imagens e os números.

Então eu sussurro algumas, que me parecem apropriadas para o rio e a morte:

*“E do nosso riacho de Tempo e Lugar
A torrente pode me levar para longe, mar afora,
Mas espero ver meu Piloto cara a cara
Quando a margem eu cruzar.”*

Vick olha para mim, surpreso.

— Solte — eu digo a ele, e nós dois largamos o corpo ao mesmo tempo.